AUTOEFICÁCIA DE PUÉRPERAS EM AMAMENTAR: UM ESTUDO LONGITUDINAL

CUSTÓDIO, Daiany Cristina Gil Glioli[1]; COELHO, Aline de Souza[1]; ADÃO, Alcilene Magalhães[1]; SILVA, Ana Carolina Albuquerque Mariano; CARNIEL, Francieli [1]

Introdução/objetivo: O Aleitamento Materno Exclusivo (AME), preconizado pela Organização Mundial de Saúde e reforçado pelo Ministério da Saúde, pressupõe que a criança receba até os seis meses de vida somente o leite materno na alimentação. A autoeficácia em amamentar surge como um suporte na prática do aleitamento materno (AM), repercutindo na prevenção do desmame precoce, associado ao empoderamento da mulher, cujo desenvolvimento irá depender de sua confiança ou expectativa, conhecimentos e habilidades, possuindo relação direta com o apoio profissional e a promoção de saúde pela motivação na mudança de comportamentos. O objetivo do trabalho foi avaliar até o sexto mês do período pós-parto a autoeficácia de puérperas quanto ao seu potencial de amamentar, bem como a manutenção do AM e/ou AME. **Material e métodos:** Pesquisa de delineamento longitudinal, prospectivo, com abordagem quantitativa, trabalho aprovado a partir do CEP 2.163.041. Os dados foram coletados em três momentos, sendo quando ainda presentes na maternidade, no 3° e 6° mês de vida. A amostra inicial do estudo foi composta por 60 puérperas, sendo 49 no 2º momento e 33 no 3º, isso devido algumas deixaram de amamentar ou por perda de contato. O instrumento utilizado consiste em uma versão brasileira reduzida da Breastfeeding Self-Efficacy Scale – Short Form (BSES-SF) de Dodt (2008), apud(9), este instrumento possibilita avaliar a autoeficácia das puérperas, classificando-as em baixa, média ou alta altaeficácia. **Resultados e discussão:** As mulheres foram analisadas quanto à autoeficácia em amamentar ainda no Alojamento conjunto (AC) e com 06 meses pós-parto. O resultado quanto a autoeficácia da amostra foi de 42 mães com médias altas, 18 com escores médios e nenhuma se apresentou baixa. Das 42 puérperas que apresentaram autoeficácia alta no AC, 25 permaneceram a amamentar aos seis meses, onde a média foi a mesma, nove interromperam a amamentação e oito não foi possível contato telefônico. Das 18 que eram média no AC, 8 permaneceram amamentando aos seis meses, sendo que 6 delas obtiveram escores maiores após tais meses passando para alta e 2 continuaram com média, destas 18 também houveram 2 perdas devido impossibilidade de contato telefônico e 8 perdas por interrupção da amamentação. Diante disso, julga-se que índices elevados de autoeficácia no AC repercutiram na manutenção do AME, e que com o passar do tempo e aquisição de experiência as mães tendem a aumentar seus escores colaborando para a duração do AM até os seis meses. Segundo a duração em dias do AM ao final de 3 e 6 meses, respectivamente 49 (90,75%) e 33 (73,33%) mulheres

[1] Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná

permaneciam amamentando seus filhos. No decorrer do estudo 17 delas interromperam a amamentação, sendo o maior quantitativo com 6 meses quando 12 (26,67%) deixaram de amamentar por motivos como: retorno ao trabalho; baixa produção de leite ou queda do ganho de peso do lactente; abandono do aleitamento por parte do bebê; falha na técnica do aleitamento e a influência de avós com a introdução de água, chás ou outros alimentos precocemente. **Conclusão:** As participantes apresentaram autoeficácia média e alta havendo indicativo de que escores elevados de autoeficácia podem influenciar tanto na amamentação exclusiva, quanto na maior duração do aleitamento materno. O enfermeiro no uso de suas atribuições quanto promotor da saúde, e maior vínculo com as mães no pré-natal, pode fazer uso da escala BSES - SF adaptada para o Brasil para mensurar os escores de autoeficácia em amamentar possibilitando assim, avaliar as nutrizes com maior risco de interromper precocemente o aleitamento materno intervindo de maneira eficaz.

Palavras chaves: Autoeficácia; Aleitamento Materno, Criança.